

Sítio Cavalo Branco e Sítio Nova Ipixuna 3: aldeia e acampamento Tupi no sudeste do Pará?¹

Fernando Ozorio de Almeida²
Lorena Gomes Garcia³

Resumo: Durante a análise de dois sítios, Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, que se inserem na chamada tradição Tupiguarani do leste amazônico, começamos a comparar as semelhanças e diferenças referentes à indústria cerâmica, à dimensão e a densidade desses sítios. Neste artigo, pretendemos levantar alguns questionamentos e possibilidades de uma análise intra/inter-sítios e chamar atenção para as diferentes dinâmicas de organização espacial de grupos Tupi etnológicos, percebendo nestes o complexo universo com que nos deparamos ao interpretarmos o registro arqueológico.

Palavras chave: *arqueologia Tupi, floresta tropical amazônica, tecnologia cerâmica, etnografia Tupi-guarani.*

Introdução

Dentre os 31 sítios encontrados durante o levantamento arqueológico na área da Linha de Transmissão Tucuruí (PA)-Açailândia(MA)⁴, dois sítios destacaram-se pela proximidade geográfica e pela semelhança da indústria cerâmica, associada à ocupação Tupi pré-histórica do baixo rio Tocantins: os sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.

Se houve semelhanças na cerâmica e na localização, isso não aconteceu em uma comparação da dimensão dos sítios. Enquanto o sítio Cavalo Branco teve seu perímetro estimado em 170.000m², o sítio Nova Ipixuna 3 foi delimitado e estimado em 14.200 m². As diferenças prosseguem quanto a inúmeras características. No entanto, a dimensão dos sítios é central à problemática aqui tratada. Afinal, se estes sítios foram interligados, por um lado, pela cerâmica Tupi, por outro eles merecem uma diferenciação quanto à dimensão. Aparentemente temos áreas com funções distintas. Seria o sítio Cavalo Branco uma aldeia e o sítio Nova Ipixuna 3, um acampamento? Esta é a pergunta base do presente estudo.

Uma descrição um pouco mais apurada dos dois sítios permite algumas conclusões ainda na fase preliminar do estudo.

Aplicações e Possibilidades

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil”.

² Mestrando em arqueologia pelo MAE/USP

³ Arqueóloga da Scientia Consultoria Científica

⁴ Trabalhos executados pela Scientia Consultoria Científica, nos anos de 2003 a 2005, sob coordenação da Dra. Solange Caldarelli.

Inicialmente, seria interessante refletir sobre a aplicabilidade dos resultados de diferentes pesquisas que corroboram com a questão aqui apresentada: sítio aldeia x sítio acampamento.

As observações etnoarqueológicas realizadas por Kent (1996) junto à comunidade Kutse do Botswana, região sul africana, indicaram que as estratégias de mobilidade influenciam de diferentes formas no processo de formação do registro arqueológico: (1) *“People who plan to stay at a camp for a short period of time will have a smaller artifact inventory than those who anticipate a long occupation; and (2) Groups who plan a short occupation also invest less effort in site construction and perform fewer camp maintenance activities than those who anticipate a long occupation. Both of these factors will influence archaeological visibility and interpretations of abandonment behavior”* (Kent, 1996, p.55). É imprescindível considerar que tais variáveis devem ser observadas a partir da comparação entre grupos culturalmente similares, levando em conta as diferentes estratégias de mobilidade e a influência desta na formação de estruturas observáveis no sítio arqueológico.

Mas... *“Como exatamente podemos estabelecer significados corretos a uma distância que tanto é cultural quanto temporal? O que sobre o passado podemos concretamente visualizar no presente etnográfico?”* (Heckenberger, 2001, p.23). Tais questões, apropriadamente colocadas por Heckenberger (2001) para pensar a ocupação do alto Xingu na perspectiva da construção de uma história de longa duração⁵, também podem ser interessantes para refletir-se a respeito da arqueologia Tupi, a partir da busca das continuidades que estruturam essas sociedades, revelando-nos traços culturais comparáveis ao arqueologicamente evidenciado. O modelo elaborado por Brochado (1984) é, sem dúvida, uma referência quanto à busca da longa duração temporal no contexto Tupiguarani. Nosso trabalho, por sua vez, procurou identificar aspectos que indiquem essas continuidades para tipos de assentamento Tupi na fronteira oriental da Amazônia.

Scatamacchia e Moscova (1989) fizeram uma leitura das fontes históricas documentadas durante os séculos XVI e XVII, buscando descrições que caracterizassem a *“distribuição espacial das aldeias, a sua relação com o meio ambiente e sua duração temporal.... Em relação aos Tupinambás, [observaram os autores], as informações mais completas descrevem apenas as aldeias ou sítios de habitação. Entretanto, outras*

⁵ No presente artigo não estabeleceremos a discussão sobre a *Longue Dureé* e suas aplicações na pesquisa arqueológica. Ver Braudel, Fernand (1966) e Hodder, Ian (2007).

ocupações puderam ser evidenciadas arqueologicamente, como é o caso dos acampamentos para coleta de moluscos e as áreas de enterramento” (p.39).

No caso dos acampamentos para coleta de moluscos, Scatamacchia e Moscusa (idem) referem-se ao trabalho realizado por Beltrão e Faria (1971), em sítio litorâneo Tupiguarani onde, segundo as autoras, evidenciaram-se cerâmica, artefatos líticos e materiais ósseos associados à atividade de coleta de moluscos.

Meggers e Maranca (1980) correlacionam dados etno-históricos e etnográficos para reconstituição experimental de organização social baseada na distribuição espacial dos tipos cerâmicos do sítio Queimada Nova, filiado à tradição Tupiguarani, com o intuito de estimular investigações similares (p.237). As autoras comparam a espacialidade do sítio Queimada Nova com os dados etnográficos da organização espacial dos Tapirapé, a partir dos estudos realizados por Baldus (1970) e Wagley (1939) sobre esse grupo indígena.

Assis (1996), baseando-se mais em dados etno-históricos, construiu um modelo de espacialidade Tupinambá, ampliando o conceito do espaço habitado no sentido de que este não se restringisse apenas à aldeia, mas que fosse compreendido como conjunto de *“elementos espaciais que ajudam na execução de atividades no interior ou nas proximidades dos assentamentos”* (p.38).

A bibliografia sobre as possibilidades de análise espacial é extensa. Como nosso estudo encontra-se ainda em fase preliminar, limitamos-nos a trabalhar com os dados arqueológicos dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3 e com alguns exemplos etnográficos de grupos pertencentes à família lingüística Tupi-Guarani do leste amazônico e do centro-oeste brasileiro.

Uma breve descrição dos sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco

O sítio arqueológico Cavalo Branco está localizado em área de pasto, em média e baixa vertente de morro com declividade suave. O sítio encontra-se dentro do perímetro da cidade de Marabá-PA. O igarapé Matrinxã, delimitador da parte leste do sítio, é afluente do igarapé Flecheiras, que por sua vez deságua no baixo rio Tocantins, cuja distância, para o sítio Cavalo Branco, é de aproximadamente 15 quilômetros.

Já o sítio arqueológico Nova Ipixuna 3 está localizado, em município homônimo, na planície de inundação do rio Ipixuna (também afluente do rio Tocantins), cuja margem situa-se a aproximadamente 150 metros do sítio. O terreno possui suaves

ondulações, atualmente encontra-se coberto por pasto sujo, com grande quantidade de palmeiras.

Os sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco distam aproximadamente 30 quilômetros um do outro. Ambos estão localizados na região sudeste do Pará.

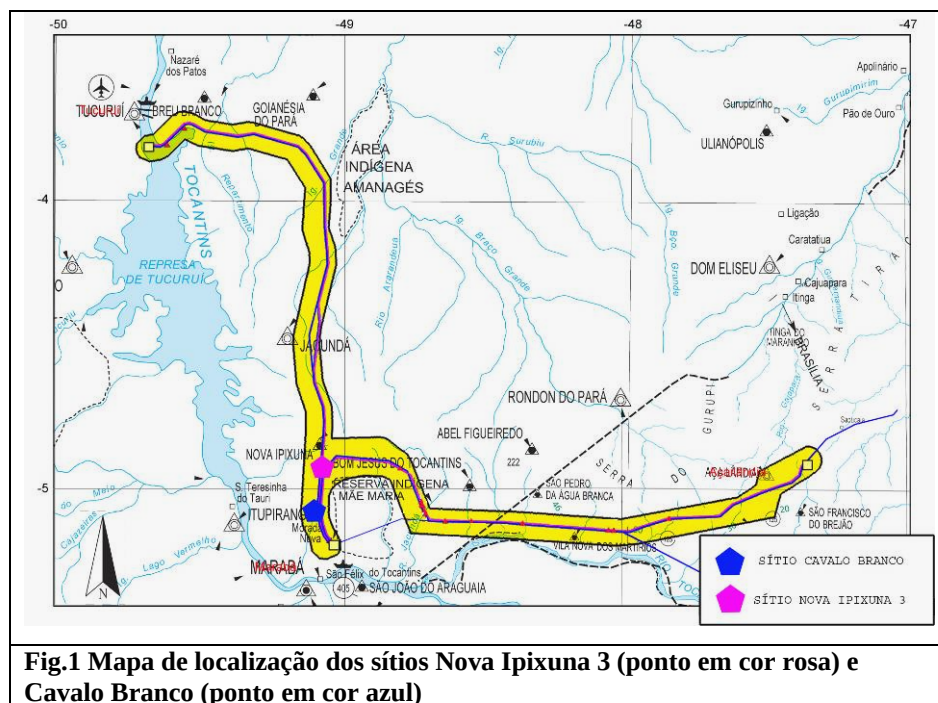


Fig.1 Mapa de localização dos sítios Nova Ipixuna 3 (ponto em cor rosa) e Cavalo Branco (ponto em cor azul)

A mesma metodologia de escavação foi utilizada tanto para o sítio Cavalo Branco quanto para o sítio Nova Ipixuna 3. Ambos foram escavados por amostragem sistemática, através de uma malha de quadras de 1m², porém, com diferença na escolha do espaçamento da malha, obedecendo às especificidades espaciais de cada um dos sítios. Para a escavação do sítio Cavalo Branco a malha foi formada com quadriculamento de 20mx20m; já para o Nova Ipixuna 3, o espaçamento da malha foi de 10mx10m. O rebaixamento das unidades foi feito através de níveis artificiais de 10cm até o esgotamento do material⁶.

O sítio Nova Ipixuna 3 foi delimitado com escavação de 143 quadras, das quais 73 negativas (ausência de material arqueológico) e 71 positivas (com material arqueológico). O sítio apresentou uma camada arqueológica subsuperficial, com profundidade média de 30cm e máxima de 70cm em algumas situações. As escavações renderam a coleta de 2439 fragmentos cerâmicos e 13 peças de material lítico. Obteve-se o registro de manchas escuras de solo para a área de maior concentração cerâmica, porém não foram realizadas análise de solos.

⁶ Após dois níveis estéreis era realizada uma tradagem no centro da quadra.

Já o sítio Cavalo Branco foi delimitado com a execução de 584 quadras, das quais 375 apresentaram material arqueológico e 209 foram estéreis. O material foi encontrado, em média, até os 30cm de profundidade. No entanto, houve casos extremos de material ocorrendo até 210cm. As áreas de concentração cerâmica foram caracterizadas por um sedimento extremamente escuro, de cor *very dark brown*. Estudiosos da arqueologia Tupi, como Assis (1996), tendem a indicar essas manchas escuras como sendo as antigas áreas de habitação.

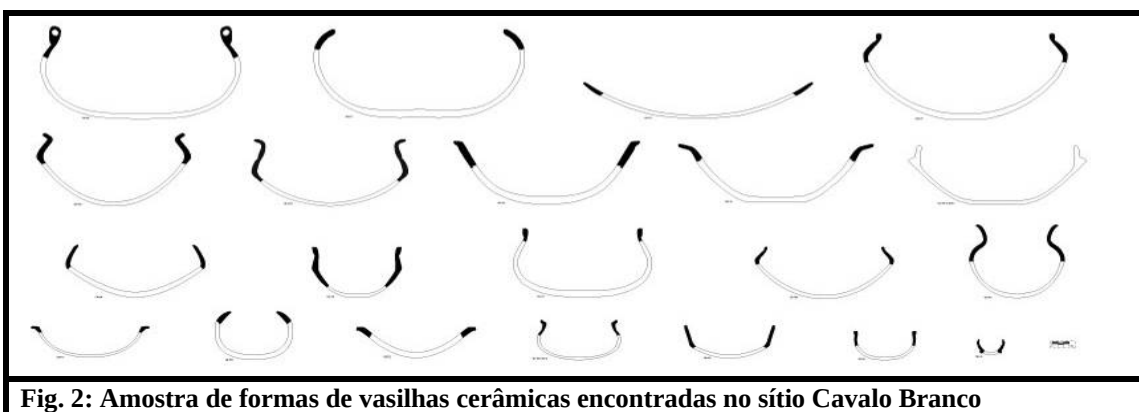
As escavações no sítio Cavalo Branco renderam um total de aproximadamente 3500 fragmentos líticos e 50.000 fragmentos cerâmicos. Na área onde foi encontrada uma grande mancha de terra preta, supostamente a área de habitação do sítio, a densidade de material foi tamanha que, em um nível de 10cm, chegava-se a encontrar centenas ou mesmo mais de mil fragmentos em um só nível.

A cerâmica do sítio Cavalo Branco

A cerâmica do sítio Cavalo Branco pode, grosso modo, ser descrita como sendo acordelada, com antiplástico predominantemente mineral (46% da amostra), seguido pelo vegetal - carvão e/ou cariapé (28% da amostra). A queima é predominantemente incompleta (63,5%). O tratamento de superfície é fino e é freqüente a presença de engobos de coloração branca e vermelha.

Outros atributos que chamaram a atenção foram as recorrentes bordas cambadas, assim como as bordas vazadas. Ambas poderiam ser consideradas como uma das particularidades da cerâmica Tupi do baixo e médio Tocantins (Almeida, 2007). Inflexões em forma de ombro também foram seguidamente observadas durante a análise cerâmica.

Uma divisão inicial indicou a presença de 13 diferentes morfologias para as formas cerâmicas (**fig.2**), com inúmeras formas simples, inflectidas e compostas. Os volumes reconstituídos dessas formas variaram de 0,36L a 48L.



A decoração mostrou-se extremamente rica e variada, tanto nos atributos plásticos quanto nos pintados (**foto1**). Nesta última categoria houve inúmeras combinações de pigmentos vermelho, branco e preto, com predominância dos dois primeiros. O pigmento branco não necessariamente ficava restrito a uma base para a execução de motivos com pintura vermelha. O inverso também foi observado. Bandas vermelhas, demarcadoras de inflexões no corpo do vaso, constantemente observadas na cerâmica Tupiguarani, também foram freqüentes na análise da indústria do Cavalo Branco. Dos fragmentos estudados⁷ considerados diagnósticos⁸, 33% possuíam decoração pintada.

A decoração plástica foi representada principalmente pelos ungulados, digitungulados, corrugados e incisos. Esta última técnica de decoração aparece como uma particularidade dos Tupi do sudeste paraense. Da mesma forma, o corrugado, encontrado em inúmeras variações- muitas das quais semelhantes às tradicionais vasilhas Guarani- também se apresentou de forma idiossincrática em alguns exemplares; é o caso dos corrugados localizados apenas na face externa da borda, não prosseguindo para o restante do corpo. Dentro do campo dos fragmentos diagnósticos, os portadores de decoração plástica representaram 24%.

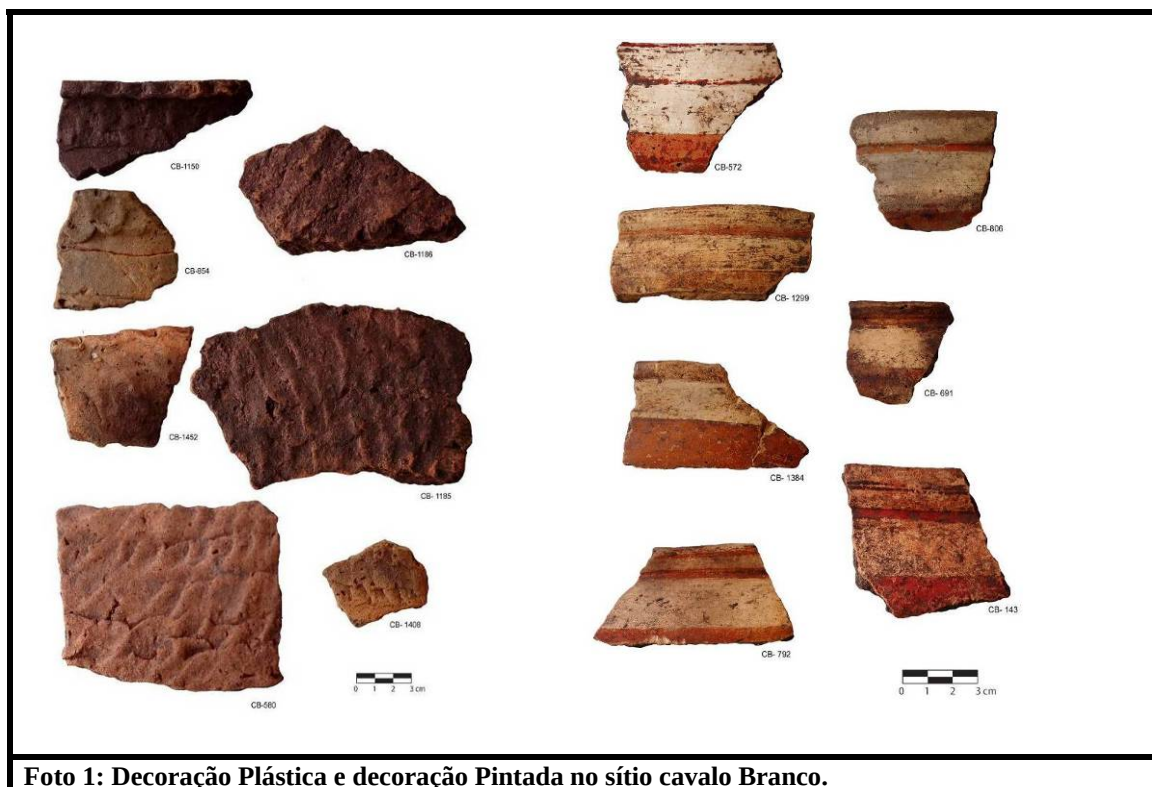


Foto 1: Decoração Plástica e decoração Pintada no sítio cavalo Branco.

⁷ A análise cerâmica equivale a 2.500 fragmentos diagnósticos.

⁸ Bordas, bases, paredes decoradas, apliques etc.

Durante a análise observou-se que raramente havia uma borda sem uma decoração mínima. Aparentemente, os oleiros (as) do sítio Cavalo Branco preocupavam-se mais com a aparência do que com a resistência dos vasilhames. Muitos destes, certamente, foram utilizados para atividades cerimoniais.

Até o momento, o sítio Cavalo Branco possui 4 datações radicarbônicas, uma das quais, estimada em 5450+-40 AP, não será considerada, já que é totalmente incongruente com as datas Tupiguarani encontradas no restante do país. As demais são:

Sítio	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação ⁹
Cavalo Branco	40V-81D	150-160cm	Carvão	210847	690 AP a 550 AP
Cavalo Branco	T2	50-60	Carvão	210848	720 AP a 640 AP
Cavalo Branco	1R-100D	30-40cm	Carvão	210849	1290 AP a 1160 AP

Tabela 1: Datações do Sítio Cavalo Branco

Pode-se observar que há uma inversão estratigráfica quanto às datas. No entanto, as primeiras duas datas vêm de unidades de escavação “excepcionais”. A quadra T2 fazia parte de uma trincheira localizada em um montículo que, provavelmente, serviu como área de lixeira (Almeida, 2007). A quadra 40V-81D, por sua vez, atingiu 200cm de profundidade; nada parecido com o pacote arqueológico de 30cm encontrado no restante do sítio. Ou seja, tratava-se de duas áreas cujos contextos deposicionais destoaram do restante do sítio, causando anomalias que podiam passar a impressão dessas “inversões”.

A Cerâmica do sítio Nova Ipixuna 3

O acordelamento foi a técnica de manufatura utilizada na confecção dos vasilhames cerâmicos do sítio Nova Ipixuna 3. A análise¹⁰ do antiplástico revelou o predomínio quase total de minerais de quartzo e óxidos ferrosos (91% da amostra), provavelmente já presentes na argila e não adicionados após a sua coleta.¹¹ Já os temperos vegetais - cariapé e/ou carvão foram identificados em uma pequena porcentagem (9%) do total de fragmentos analisados, não tendo uma representatividade quantitativamente significativa se comparado ao índice de temperos vegetais utilizados na cerâmica do sítio Cavalo Branco (28% de todo o seu conjunto cerâmico analisado). A maior parte dos fragmentos possuía queima incompleta, o que é comum na maioria das sociedades ceramistas pré-coloniais, tendo em vista a realização da queima em

⁹ Beta Analytic.

¹⁰ A análise cerâmica equivale a 330 fragmentos diagnósticos de um total de 2349 fragmentos coletados.

¹¹ A observação do aspecto do mineral de quartzo (se muito angular, angular, semi-angular, subarredondado ou arredondado) da homogeneidade de dispersão ou concentração deste na pasta pode indicar se este mineral foi adicionado ou não na argila (Rye, 1981, p.37). Testes arqueométricos podem confirmar esta questão.

ambientes oxidantes (ao ar livre). Quanto ao tratamento de superfície, a cerâmica recebeu um alisamento fino e, por outro lado, apresentou um baixo índice de superfícies com engobo. Vários tipos de decoração plástica, tais como corrugado, roletado, digitungulado, inciso, ungulado, entalhado e alguns combinados entre si, foram identificados, revelando muita variedade (FIGURA 3) e pouca quantidade¹².

A pintura, quando identificada, esteve representada por faixas horizontais, em geral localizada nos lábios e nos ombros, nesse caso, em vermelho. A pintura branca ocorreu em todo o perímetro do gargalo e na face externa do lábio de mesmo pote parcialmente reconstituído. Já a pintura preta foi percebida apenas vestigialmente na face externa de alguns fragmentos.

A análise evidenciou pouca variabilidade no conjunto de formas do sítio Nova Ipixuna 3, somando um total de 6 tipos, que comportam volumes estimados entre 8 a 48 litros.

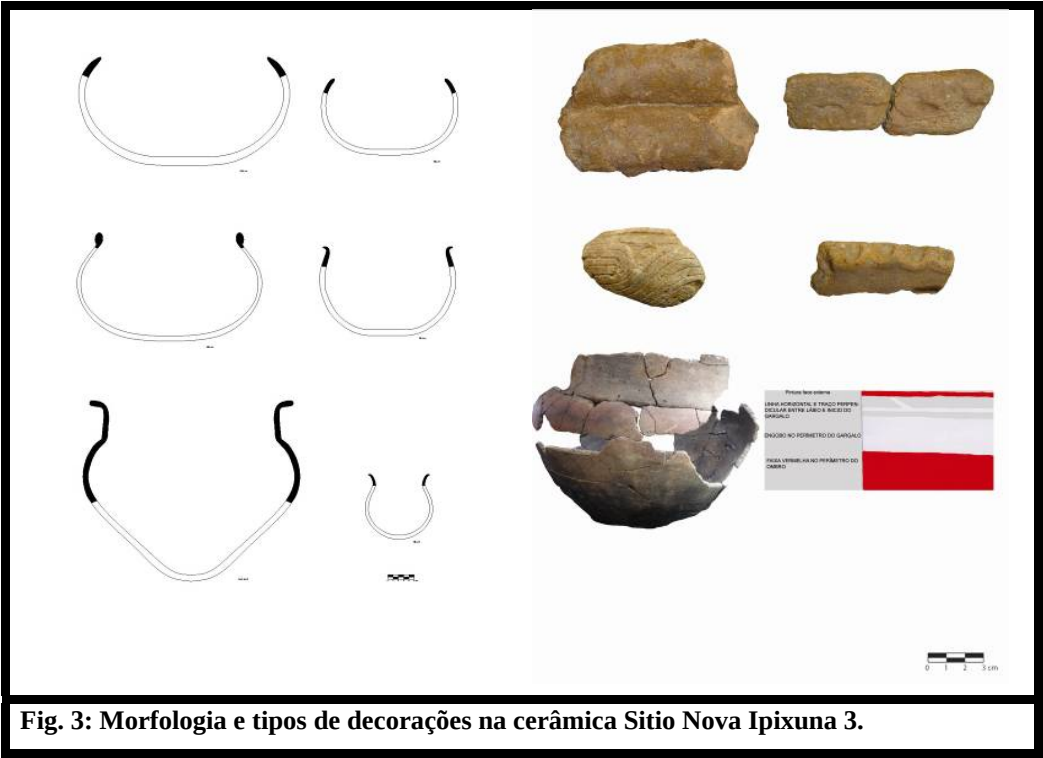


Fig. 3: Morfologia e tipos de decorações na cerâmica Sítio Nova Ipixuna 3.

Foram obtidas, até o momento, duas datações radiocarbônicas para o sítio Nova Ipixuna 3:

Sítio	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação calibrada
Nova Ipixuna 3	40R-10E	30-40cm	Carvão	210850	480 AP a 290 AP
Nova Ipixuna 3	20R-70E	40-50cm	Carvão	210851	1280 AP a 1140 AP 1110 AP a 1100 AP

Tabela 2: Datações do Sítio Nova Ipixuna 3.

¹² Foram identificados entre 1 a 3 peças de cada tipo de decoração plástica.

O sítio Cavalo Branco, assim como ocorreu no sítio Nova Ipixuna 3, teve uma datação que apontava para um período anterior ao contato com os europeus. No entanto, a cronologia do sítio Nova Ipixuna aponta também para uma ocupação pós-contato, diferentemente do sítio Cavalo Branco.

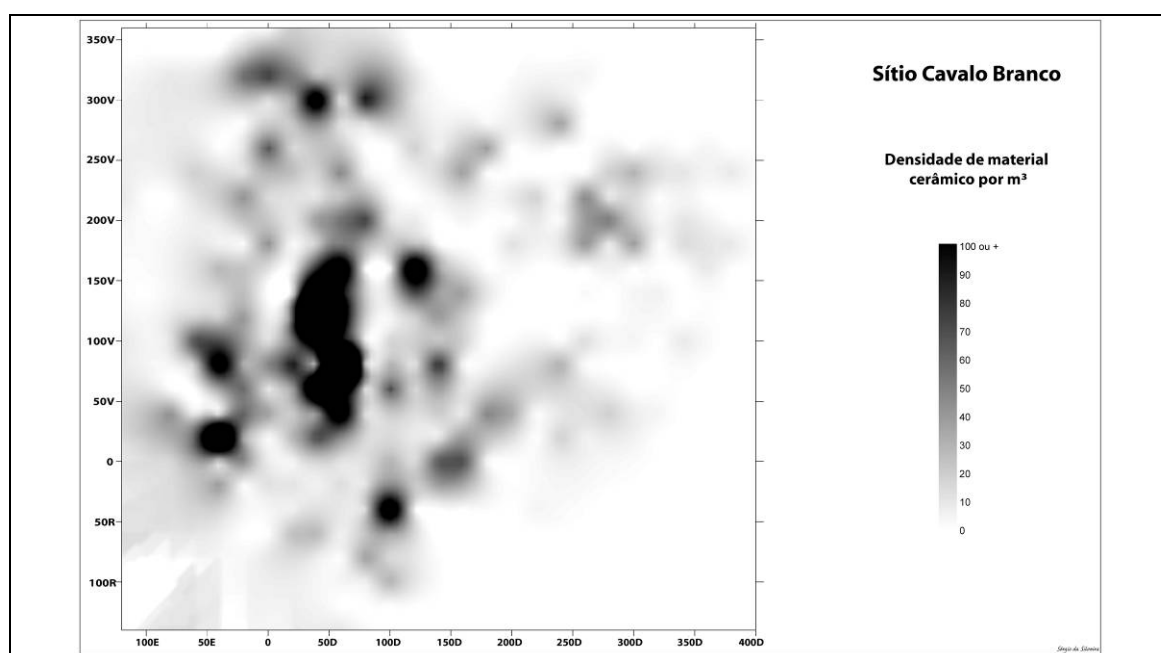
Semelhanças e diferenças entre os sítios

Retomemos alguns pontos explicitados logo na Introdução. O inicial, e mais simples, é a proximidade geográfica entre os dois sítios, estando ambos situados na bacia do baixo rio Tocantins (a cerca de 15 quilômetros desse rio), com uma distância aproximada de 30 quilômetros um do outro. Da mesma forma, uma série de atributos comuns foram observados na cerâmica dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3. Tais semelhanças levaram-nos a inserir estes dois sítios na tradição Tupiguarani.

A última convergência entre esses sítios refere-se à questão cronológica. Percebe-se que há duas datações bem próximas. Enquanto o sítio Cavalo Branco possui uma data de 1290AP a 1160AP, o sítio Nova Ipixuna 3 possui uma data de 1280AP a 1140AP. Tal proximidade temporal, no entanto, não justificaria afirmar uma ocupação simultânea nos dois sítios.

Ainda quanto à cronologia, é importante apontar que, tanto no sítio Cavalo Branco quanto no sítio Nova Ipixuna 3, houve uma dissonância nas datações. Os dois sítios possuem datas distantes entre si. Tal constatação, a ser confirmada em estudos posteriores, deve indicar que ambos os sítios sofreram reocupações.

No presente estudo também foram apontadas discrepâncias quanto à dimensão e à densidade do material arqueológico nos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.



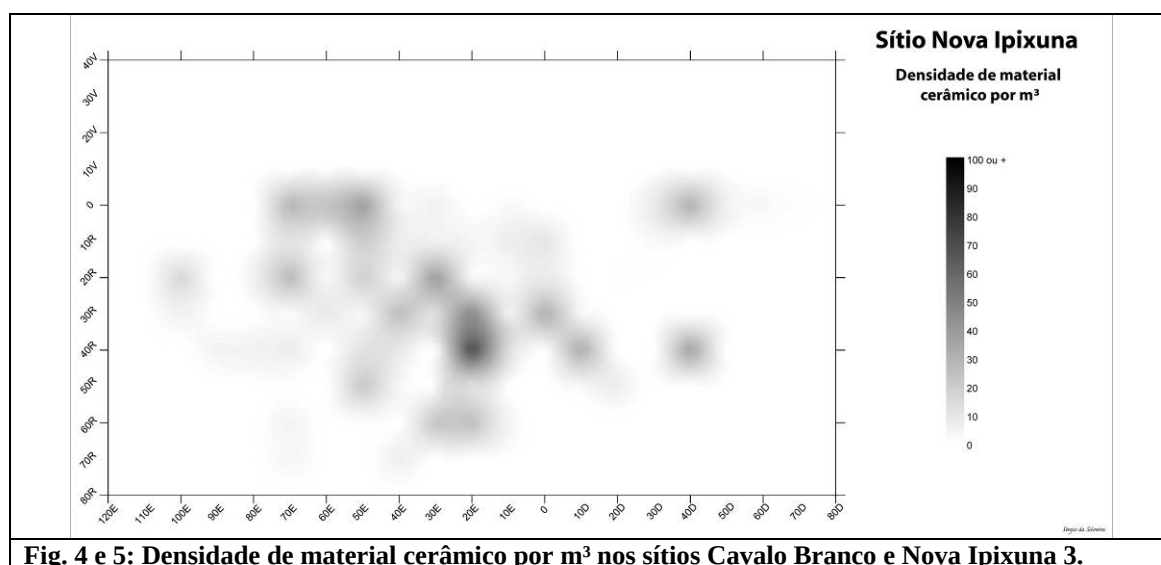


Fig. 4 e 5: Densidade de material cerâmico por m³ nos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.

Sítios	Lítico		Cerâmica	
	Quantidade	Densidade (m³)	Quantidade	Densidade (m³)
Cavalo Branco	3.127	32,51	35..550 ¹³	369,23
Nova Ipixuna 3	14	0,09	15,67	2.349

Tabela 3: Densidade lítica e cerâmica dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.

No entanto, se essa comparação entre densidade material e dimensão do sítio arqueológico fosse baseada nos primeiros estudos realizados na região, ambos poderiam ser inseridos em uma mesma categoria. A orientação para alguns estudos realizados no baixo Tocantins seria a de que “*todos os sítios pesquisados são de habitação*”¹⁴. (Simões 1986, 544 apud. Scientia, 2003, p. 23).

As pesquisas realizadas até o momento na região não trazem nenhuma informação quanto à função dos sítios arqueológicos. Tudo indica que uma abrangência sem fundamentação vem sendo utilizada para a definição dos tipos de assentamentos encontrados. Todos os sítios cerâmicos, quer medissem 10 X 20m ou 324 X 95m (e.g. da fase Tauarí), das fases Tucuruí, Tauarí e Tauá (Simões e Araújo Costa, 1987) foram associados com sítios de habitação. As razões de afirmações tão conclusivas são incertas. Nenhum estudo pormenorizado sobre padrões de assentamento foi realizado.

O que diz a etnografia

Ainda nos faltam dados etnográficos que resultem de estudos mais aprofundados sobre as estruturas dos diferentes tipos de assentamento utilizados pelos diferentes

¹³ O número total de fragmentos líticos e cerâmicos do sítio Cavalo Branco é maior, em torno de 50.000 e 3500, respectivamente do que o apresentado na tabela. Nesta, só contabilizamos o material das quadras pertencentes à malha de unidades de escavação (unidades complementares foram separadas).

¹⁴ Afirmação feita com relação aos 38 sítios encontrados nas proximidades dos rios Itacaiúnas e Parauebas, na região sudeste do Pará.

grupos pertencentes à família Tupi-Guarani da região amazônica. Ainda assim, dados importantes para reflexão da problemática aqui tratada se destacam.

Os Araweté, estudados por Viveiros de Castro, apresentaram um padrão de assentamento ligado à sazonalidade. No período de chuva, a aldeia se fragmentava em pequenos grupos nucleares que se dispersavam em diversos acampamentos pela mata, realizando atividades de *trekking*¹⁵, ou seja, ligada à coleta, e à caça de animais (1986, p. 267 a 273). Findado o período das chuvas, ocorria um reagrupamento dentro do espaço da aldeia.

Mesmo no período de seca, os Araweté produziam algumas estruturas que não pertenciam à aldeia. Tratava-se de acampamentos de mata, para abrigar caçadores ou famílias, em curtas expedições.

Outro dado interessante do estudo feito por Viveiros de Castro é o fato de que todas as aldeias Araweté localizavam-se em áreas de antigas roças.

“Se toda roça foi, antes, mata, toda aldeia foi, antes, roça. Quando um grupo decide mudar-se para outro lugar, abre primeiro as roças de milho, e se instala no meio delas. Com o passar do tempo e das safras as plantações vão recuando, e resta uma aldeia” (1996, p.312).

Tais palavras sintetizam duas das principais características da aldeia Araweté explicitadas pelo autor; a primeira refere-se às escolhas que derivam à formação do espaço ocupado e; a segunda à estruturação desse espaço, formado por seu *“pluricentrismo, isto é, a ausência de um espaço 'público', cerimonial e centralmente situado. A aldeia parece um agregado de pequenas aldeias, 'bairros' de casas voltadas para si mesmas”* (Viveiros de Castro, 1996, p.316).

Os Tapirapé, estudados por Baldus (1970) e Wagley (1977), também sazonalmente¹⁶ fragmentavam a aldeia em grupos familiares que se deslocavam para a savana, onde passavam um período caçando, coletando e pescando. Em um local considerado mais propício, um abrigo temporário seria erguido.

Os Parakanã constituíram um caso a parte. A cisão interna, no fim do século XIX, criou um grupo mais sedentário (os Parakanã orientais) e um grupo praticamente nômade (os Parakanã ocidentais). Quando Fausto (2000, p.59) indica que os Parakanã

¹⁵ Balée (1994:210) define grupos *trekkers* como sendo os que passam 6 meses por ano longe da aldeia, para a qual acabam voltando. Os *trekkers* fariam parte de um grande grupo “agrário” em que também estariam inseridos os cacicados e os semisendentários.

¹⁶ Ao contrário do que acontece com os demais grupos, os Tapirapé deixam a aldeia no período de seca (Wagley: 1977:52).

ocidentais foram aumentando o período de *trekking*, para gradativamente irem deixando de praticar a agricultura, lê-se nas entrelinhas que o grupo, quando uno, praticava sazonalmente essa atividade. Dessa forma temos um curioso exemplo de um grupo, os Parakanã ocidentais, sem práticas agrícolas, mas que se unia na aldeia no período seco, e no período de chuva, se separava em pequenos grupos, os quais construíam acampamentos na mata.

Por fim, encontramos os Urubu-Ka'apor, estudados por Balée (1994). Esse grupo, dentro dos escolhidos para dialogar com os dados arqueológicos é o mais sedentário. Os Urubu-Ka'apor se organizariam em um sistema ecológico mais próximo do indicado para os Tupinambá, onde o “núcleo” aldeia era abandonado somente quando ela (aldeia) era transferida para um outro lugar. Ribeiro, que esteve entre os Ka'apor quase meio século antes, teve a oportunidade de descrever abrigos de roça “*de 2,5 metros de comprimento por 1,1 de largura e dois de altura (...). Enquanto a roça cresce na mata, eles ficam a colher o que plantaram o ano passado no alto Coracy, onde também há mais caça do que peixe. Assim somente daqui a uns quatro ou cinco meses voltarão àquele pouso*” (2006, p. 86).

Sítio aldeia Cavalo Branco e Sítio acampamento Nova Ipixuna 3?

Sem dúvida, não somente as dimensões dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3 variaram, como também a densidade de material, esta última muito superior no Cavalo Branco que no Ipixuna. Outra variável que logo chamou a nossa atenção foi a decoração da cerâmica. Enquanto o sítio Nova Ipixuna 3 possuía “somente” 19% dos fragmentos analisados, com alguma decoração, o sítio Cavalo Branco apresentou 24% dos seus fragmentos analisados com decoração plástica e 33% com decoração pintada. Se levarmos em conta que muito raramente decorações plásticas e pintadas eram encontradas no mesmo vaso, poderíamos sugerir um número de fragmentos decorados (analisados) em torno de 55%.

Supõe-se que os vasos são decorados para serem mostrados (vide, por exemplo, a análise funcional elaborada por Schaan, 2004). Uma acanhada estrutura temporária, como um acampamento, ocupada talvez apenas por um pequeno núcleo familiar, certamente não seria o local mais adequado para a(o) artesã(o) expor as suas habilidades, ao contrário de uma aldeia com espaço aberto para grandes cerimônias. O que não impediria a existência de vasos decorados em estruturas temporárias. Ao deixar a aldeia, o grupo pode ter escolhido alguns dos seus melhores vasos, o que provavelmente incluiria algum com decoração, para a temporada fora. Isso porque os

vasos decorados Tupiguarani não possuíam apenas uso ritualístico (vide La Salvia e Brochado, 1989). As funções eram múltiplas.

As considerações e questionamentos apresentados encontram-se sumarizadas a seguir da seguinte maneira:

De um lado, encontramos o sítio Cavalo Branco, de grande extensão, alta densidade de vestígios arqueológicos, possuidor de uma cerâmica extremamente variada e elaborada, além de uma indústria lítica bem representada quantitativamente¹⁷. Fatores que, ao lado da terra preta, tida por Petersen et all. (2001, p. 100) como indicativo de lixo residencial (*residence waste*), podem indicar o sítio Cavalo Branco como um sítio aldeia. Do outro lado existe o sítio Nova Ipixuna 3, limitado à uma pequena área ocupada, com baixa densidade de vestígios arqueológicos, com reduzido material cerâmico decorado, pouca variação na sua indústria cerâmica, e uma escassa indústria lítica.

Foi possível identificar tanto nos trabalhos etnográficos (e.g. Viveiros de Castro, 1986; Balée, 1994; Fausto, 2000, etc.) quanto nos estudos de caráter arqueológico (e.g. Assis, 1996), que uma multiplicidade de tipos de estruturas podem ocorrer fora da aldeia.

As variações começariam na localização das estruturas próximas ou distantes das aldeias. A função da estrutura (e.g. caça, pesca, área de coleta, ou área de cultivo) não possuiria necessariamente relação direta com a distância entre essas estruturas e a aldeia. Haveria a possibilidade da ocorrência de uma estrutura em área de roça próxima à aldeia, e outra para caça muito mais distante, ou o contrário. Daí a nossa preocupação em não fazer uma apressada caracterização de acampamento para o sítio Nova Ipixuna 3, deixando-o apenas com a abrangente denominação de “estrutura temporária”. Preocupação que deixou de lado até aspectos morfológicos das diferentes estruturas temporárias relatadas por alguns etnógrafos (e.g. Viveiros de Castro 1986).

De qualquer forma, sítios identificados como estruturas temporárias, como o sítio Nova Ipixuna 3, por possuírem pequena dimensão, apresentam melhores condições para uma escavação arqueológica intensiva, adequada à uma observação mais apurada da organização espacial do sítio, procedimento este que, aliado às observações paisagísticas (e.g. a presença de terra mulata próxima a uma estrutura temporária, poderia indicar ser esta relacionada a uma área de cultivo), potencializaria inferir, com maior segurança, a funcionalidade das diferentes estruturas evidenciadas no registro arqueológico.

¹⁷ A análise do material lítico do sítio Cavalo Branco ainda não está concluída.

A continuidade do estudo dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3 visa à interpretação dos dados referentes à distribuição espacial das formas cerâmicas e inferência da sua funcionalidade para possível distinção das áreas de atividade, dentro de cada sítio, assim como a inserção do material lítico (importante tanto para um estudo intra-sítio, como para uma comparação inter-sítios). Dessa forma, acreditamos que em pouco tempo respostas mais consistentes serão apresentadas.

Conclusões

Através de um estudo preliminar relacionando dimensão espacial, densidade de material, e características da cerâmica arqueológica dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, pudemos concluir que a terminologia empregada anteriormente para sítios cerâmicos é inadequada para aplicar-se aos sítios arqueológicos Tupi pré-históricos do leste amazônico. Mesmo as categorias aldeia-acampamento parecem insuficientes para a compreensão de um complexo de estruturas, de diferentes morfologias e funções, localizadas em variadas distâncias do entorno da aldeia. O estudo comparativo dos sítios Cavalo Branco, considerados por nós uma aldeia, e Nova Ipixuna 3, denominado de forma abrangente como uma estrutura temporária, teve a intenção de jogar luz sobre as questões de assentamento dos grupos Tupi. Problemas relacionados ao tema foram levantados e algumas possíveis soluções começaram a ser esboçadas.

Agradecimentos:

Solange Bezerra Caldarelli, Renato Kipnis, Eneida Malerbi e Sérgio da Silveira.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. O. de.

2008 O Complexo Tupi da Amazônia Oriental. Dissertação de Mestrado, São Paulo-SP: MAE-USP.

ASSIS, V. S.

1996 Da Espacialidade Tupinambá. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre-RS: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ARAÚJO COSTA, F.

1983 Projeto Baixo Tocantins: Salvamento Arqueológico na Região de Tucuruí – Pará. Dissertação de Mestrado, São Paulo-SP: FFLCH-USP.

BALDUS, H.

1970 Os Tapirapé, Tribo Tupi no Brasil Central. São Paulo-SP: Companhia Editora Nacional.

BALÉE, W.

1994 Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – the historical ecology of plant domestication by an Amazonian people. New York: Columbia University Press.

BELTRÃO, M. da C. de M. C. & FARIA, E. G.

1970/1971 Acampamentos Tupi-Guarani para coleta de Moluscos. São Paulo-SP: *Separata da Revista do Museu Paulista*, XIX: 97-135.

FAUSTO, C.

2001 Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo-SP: Edusp.

FERNANDES, F.

1963 Organização Social dos Tupinambá. São Paulo-SP: Difusão Européia do Livro.

HECKENBERGER, M.

2001 Estrutura, História e Transformação: A cultura Xinguana na Lonue Durée, 1000-

2000 D.C. In: Franchetto, B. & Heckenberger, M. (orgs.) *Os povos do Alto Xingu: história e cultura*. Rio de Janeiro-RJ, Ed. UFRJ: p. 21-62.

KENT, S.

1996 Models of abandonment and material culture frequencies. In Cameron, C. & Tomka, S. (eds.) *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. New York, Cambridge University Press: 54-72.

LA SALVIA, F. & BROCHADO J. P.

1989 Cerâmica Guarani. Porto Alegre-RS: Posenato Arte e Cultura.

MEGGERS, B. & MARANCA, S.

1980 Uma Reconstituição Experimental de Organização Social, baseada na Distribuição de Tipos de Cerâmica num sitio Habitação da Tradição Tupiguarani. Rio Grande do Sul-RS, *Revista Pesquisas* (31): 227-247.

ORME, B.

1981 Anthropology for Archaeologists: an Introduction. London: British Library.

RIBEIRO, D.

2006 Diários Índios: os Urubus-Ka'apor. São Paulo-SP: Companhia das Letras.

SCATAMACCHIA, M. C. MINEIRO & MOSCOSO, F.

1992 Análise do Padrão de Estabelecimento Tupi-Guarani: fontes etno-historicas e arqueológicas. *Revista de Antropologia São Paulo*, 30(2): 37-53.

SCHAAN, D. P.

2004 The Camutins Chiefdom: rise and development of social complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon. PHD Dissertation, University of Pittsburg.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA.

2004 Projeto: Levantamento Arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/Açailândia (PA/MA) (4º circuito). CALDARELLI, S. (org.), São Paulo-SP.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA.

(no prelo) Relatório Final: Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Açailândia/MA (4º Circuito). CALDARELLI, S. (org.).

SIMÕES, M. F. & ARAUJO-COSTA, F.

1987 Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). Revista Arqueologia, Belém, 4 (1): 11-28.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B.

1992 Araweté : o povo do Ipixuna. São Paulo: Cedi.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B.

1986 Araweté : os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WAGLEY, C.

1977 Welcome of Tears: the Tapirapé Indians of Central Brazil. New York: Oxford University Press.